

A SOLIDÃO RADICAL DO HOMEM OU SOLIDÃO EXISTENCIAL

1. O homem e a sua solidão radical segundo o livro da Génesis

A solidão encontra-se radicada na mesma essência do homem, é constitutiva da sua própria natureza, por isso é chamada «solidão ontológica». O livro do Génesis apresenta-a como uma característica fundamental do ser humano: «Não é bom que o homem esteja só» (Gn 2,18). A criação da mulher é representa uma resposta de Deus à solidão originária.

Esta solidão original, não apenas diferencia o homem e a mulher dos outros animais, mas os torna sujeitos da Aliança e parceiros do Absoluto. Neste mundo não prevalece é semelhança, mas a diferencia. Desde criação, com a experiência do pecado das origens, quebra-se, de algum modo, a comunhão com Deus e na vida do homem e da mulher, entra no mundo a experiência dolorosa da solidão. É uma solidão existencial, antológica, ligada a natureza humana, tanto que, podemos dizer que o homem e a mulher são duas encarnações da mesma solidão radical.

O homem e mulher, como seres humanos, pessoais se identificam com um «eu» único e irrepetível e, ao mesmo tempo, estão marcados por esta novidade ontológica, por uma solidão existencial, positiva, que encerra o mistério da sua peculiar dignidade. Uma solidão natural, prévia, que precede todas as outras características e determinações.

O pecado das origens introduziu uma rotura entre o homem e Deus, uma rotura que continua a marcar, como um selo, cada ser humano, uma solidão radical, que chamamos «ontológica» ou «existencial», uma solidão que só Deus preencher. Esta forma de solidão esconde a identidade do ser humano de criatura, feita à imagem e semelhança do seu Criador. Uma solidão que o define interlocutor e parceiro de Deus. O ser humano, de fato, é chamado à comunhão com o seu Criador e ao mesmo a aperfeiçoar a obra da criação. A solidão ontológica é aquela solidão que impele o homem a procurar a Deus e, ao mesmo tempo, o seu justo lugar na obra da criação. Uma solidão sedenta de comunhão e que não sossega senão quando descansa em Deus. (27-30)

2. Individualidade e mistério pessoal

O homem experimenta a sua solidão «existencial» quando toma consciência da sua própria individualidade. Cada ser humano, homem ou mulher, reconhece-se como um ser individual que partilha com os outros seres humanos a mesma natureza humana, no entanto, não se confunde é «outro ser», um ser distinto, separado, diferente, singular, embora, esta individualidade não é suficiente para o definir. O ser humano é muito mais do que um indivíduo, é «pessoa», um ser dotado de racionalidade, de interioridade, de autodeterminação, de livre arbítrio: podemos dizer mais, é um ser capaz de comunicar com os outros seres humanos e com o próprio Deus, um ser capaz de auto transcendência. O facto de ser pessoa coloca-o acima de todos os seres criados, com uma incomparável dignidade: «Criou Deus o homem a sua imagem, a imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou» (Gn 1,27)

O ser humano, como pessoa, não é apenas um indivíduo, mas um ser livre: é alguém que toma decisões diante da vida e da morte, diante das circunstâncias cruciais da sua existência, que faz escolhas pessoais, nas quais não pode ser substituído por ninguém. Como pessoa, assume de forma incomparável, a responsabilidade de enfrentar a profundidade o seu próprio mistério. Por isso é que, a sua solidão assume a dimensão ontológica, existencial, não obstante a sua abertura ao outro, a sua capacidade de comunicar, continua a ser pessoa, um ser único, distinto, que não pode deixar de estar só. Nesta solidão tão radical, reside e se manifesta a sua verdadeira grandeza, a sua dignidade pessoal, singular, de carácter irreduzível. Uma dignidade altíssima, que recebeu de Deus, da qual, ele próprio se torna consciente, não só porque é diferente de outros seres, mas porque depositário de uma vocação de eternidade (30-32).

3. Comunicação e incomunicabilidade

Cada homem como pessoa possui um tesouro escondido, um tesouro em vasos de barro, como dizia São Paulo, um tesouro de valor incalculável, mas aparece como um mistério, como uma fortaleza, onde é difícil, senão impossível entrar. O mistério pessoal, de comunhão, mas que comunicação poderá haver entre os homens? É esta pergunta constitui sempre uma fonte secreta de inquietação.

Como seres humanos que somos, reconhecemos a nos outros a mesma solidão e o mesmo desejo de comunhão. Conhecemos a experiência de um encontro verdadeiro com os outros, porém, quantos encontros superficiais ou falhados?

A comunicação plena é certamente rara e difícil. O que há de mais profundo em nós é quase incomunicável. As palavras são sempre insuficientes. Toda a tentativa de diálogo é como lançar uma ponte por sobre um abismo sem saber se do outro lado existe um caminho que realize tal comunicação.

O homem é feito para a comunicação. Toda a questão consiste em saber se é possível ultrapassar a barreira que nos separa dos outros.

O nosso tempo é uma evidente comprovação dessa procura ansiosa. Mas os meios de comunicação, aperfeiçoados que sejam, não ajudaram os homens a comunicar mais profundamente.

A comunicação tem um segredo, mas poucos parecem conhecê-lo. Paradoxalmente, todos os esforços parecem apostados para dissipar este segredo, banalizando-a ou tornando-a pública. A consequência não pode que ser uma solidão ainda mais dolorosa. (32-35)

Solidão e liberdade

Uma das expressões mais significativas da solidão original é o exercício da liberdade. O homem, nas suas escolhas não pode ser substituído por ninguém. E não se trata unicamente das grandes opções, mas também das escolhas pequenas do dia a dia. É nelas que se joga o sentido e a coerência da vida inteira.

Mais ainda, cada ato de liberdade pode ser causa de uma mais profunda solidão porque o separa cada vez mais de outros que fizeram escolhas diferentes. Esta é uma situação normalíssima, no entanto, também aqui se pode introduzir uma deformação negativa, pois, não raro, a intransigência aumenta quanto mais se apregoa o pluralismo, o que inevitavelmente isola os que não abdicam da liberdade que é, a mesmo tempo, seu direito e dever.

Não parece que, nos nossos dias, a capacidade de integração positiva da diferença, da sua aceitação como um valor, seja maior do que no passado. Mais facilmente do que a tentativa de compreensão o que se contrapõe à indiferença, é a desconfiança, ou então a crítica fácil, a exclusão sumária, a condenação para a marginalidade. É o processo da

incompreensão e da solidão imposta que assim se desenha, como mais adiante teremos ocasião de considerar.

Por fim, a solidão própria da liberdade é particularmente acentuada, mas agora de maneira negativa, na medida em que o homem se separa do seu fundamento último, ou seja, na medida que procura uma liberdade sem Deus ou contra Deus. Mas poderá a liberdade, sendo um caminho solitário, ser também um caminho de esperança? Sim, se realizar a seguinte condição: se for possível, nesta solidão completa, um ato de suprema liberdade e, ao mesmo tempo, de inteira identificação com um desígnio transcendente, ou seja, divino. (35-37)

5. A comum experiência da solidão radical

O homem, criado à imagem de Deus e destinatário da Aliança, vive uma profunda tensão interior: o seu desejo de eternidade e de perfeição defronta-se continuamente com a sua própria incapacidade de lhe dar pleno cumprimento.

O homem é animado por um intenso desejo de realização pessoal, de comunicação, de compromisso livre e responsável. No entanto experimenta a sua incapacidade radical. Descobre que está sozinho. Uma solidão originária, que lhe vem da consciência viva, dramática, de que ninguém, pode definitivamente corresponder à sua necessidade e satisfazer o seu desejo.

Esta solidão originária, se não se interpuserem obstáculos, podia tornar-se uma ajuda para descobrir a única fonte capaz de saciar a sua sede, a Água viva, que é o próprio Deus. Os homens, tomando consciência da sua limitação humana e do seu destino transcendente, podem realizar um encontro mais autêntico com os outros e praticar uma verdadeira solidariedade.

A limitação, que cada homem experimenta em si mesmo, cria sentimentos de compaixão pelos outros, impelindo-o para a aventura do encontro pessoal e da relação comunitária. A experiência da solidão originária que acomuna todos os homens leva a procurar o sentido da vida e a sentir-se solidários com os outros homens, com os quais não só partilhamos a natureza humana, mas também a mesma esperança e o mesmo destino.

Mas o homem sozinho será capaz de dar esse «passo decisivo» para a solidariedade e pela comunhão? Não corre ele o risco de ficar paralisado

dentro da sua própria solidão? Mais ainda, uma vez dado esse passo, poderá sozinho atingir a meta? Não será necessário continuar o caminho, mas desta vez num outro plano, onde a solidão do homem é abraçada e compenetrada pelo próprio mistério de Deus? (37-39)